



Apresentação

Estudos de Gênero e Emoções: perspectivas multidisciplinares

A revista Caderno Espaço Feminino apresenta o dossiê temático “Estudos de Gênero e Emoções”. Composto por onze artigos, esta coletânea cumpriu seu intuito de reunir reflexões oriundas de áreas diversificadas do conhecimento. Isso revela a relevância que o tema das emoções, aqui em articulação com os estudos de gênero, vem progressivamente adquirindo. Por levar em conta este caráter multidisciplinar que marca os estudos sobre as emoções, assim como também marca próprios estudos de gênero, o mosaico que oferecemos é composto por perspectivas que consideram as áreas das ciências sociais, a psicologia social, as artes visuais e a literatura. São resultados de reflexões e pesquisas teóricas e/ou empíricas que abordam as emoções como categoria de análise.

Os textos, ora publicados, se concentram basicamente em pesquisas bibliográficas e/ou empíricas realizadas no Brasil. Este país, no dizer de Sérgio Buarque de Holanda, propenso a dar ao mundo “o homem cordial” (HOLANDA, 2016). Esta concepção, ainda muito polêmica, sobre a cordialidade brasileira revela a complexidade de uma nação que não deve prescindir à reflexão sobre a emoção como categoria de análise para a compreensão do traço definidor do caráter brasileiro. Cordialidade, porém, na concepção de Holanda, não alude necessariamente à polidez. Não custa relembrar o que nos diz este autor:

nossa forma ordinária de convívio social é, no fundo, o contrário da polidez. Ela pode iludir na aparência – e isso se explica pelo fato de a atitude polida consistir precisamente em uma espécie de mímica deliberada de manifestações que são espontâneas no “homem cordial”: é a forma natural e

viva que se converteu em fórmula. Além disso, a polidez é, de algum modo, organização de defesa diante da sociedade (HOLANDA, 2016, p. 254-255).

Em tempos de recrudescimento do “neoconservadorismo” diante de alguns avanços sobre os quais havíamos vivenciado recentemente no Brasil, considerando uma contínua construção democrática sobre a qual podemos ilustrar a partir do avanço progressista das questões de gênero e de sexualidade, ganham forte relevância as reflexões sobre as emoções. O impeachment da presidenta Dilma Rousseff, em 2016, é um elemento ilustrativo sobre a exposição da misoginia no país. Episódios contínuos de violências (física e simbólica) contra as mulheres, contra a população LGBTQI+, contra a população negra e indígena revelam cada vez mais a emergência de reflexões interseccionais das emoções como categoria central de análise com as dimensões de gênero, de raça, de classe, dentre outras. Como destacou Flávia Biroli (2020), em sua análise sobre a atual conjuntura, “O momento é outro: estão em risco os fundamentos da agenda da igualdade de gênero, em conjunto com os fundamentos da democracia e do Estado de direito”.

Embora estas questões sobre o recrudescimento do neoconservadorismo no Brasil não tenham ganhado destaque neste dossiê, cujos textos apontam, em sua maioria, para as dimensões microssociais da vida cotidiana, de algum modo os trabalhos aqui publicados revelam que nos processos das interações microssociais pode ser vislumbrado o peso das estruturas, reveladas pelas posições desiguais ocupadas por homens e mulheres na sociedade.

O dossiê é aberto com quatro abordagens no campo das Ciências Sociais. Cabe ressaltar a importância que as emoções vêm recebendo no âmbito específico das Ciências Sociais, no exterior e no Brasil, não somente enquanto tema de estudo, mas principalmente como *categoria central de análise*. Sobre a emergência do campo de conhecimento das “ciências sociais da emoção” alguns esforços intelectuais foram realizados na tentativa de mapeamento e de sistematização, em particular nos campos da Antropologia e da Sociologia. Tais esforços se concentram na observação de que as emoções se despontaram como tema presente em textos de autoras e autores clássicos das Ciências Sociais (LUTZ, ABU-LUGHOD, 1990; TORRES, 2009;

REZENDE e COELHO, 2011; KOURY, 2014; COELHO e DURÃO, 2017; VÍCTORA e COELHO, 2019). Este argumento consta, também, em Jacques Barbalet (1998), sociólogo australiano autor de *Emoção, teoria social e estrutura social: uma abordagem macrossocial*, cuja publicação original data de 2001. Barbalet ressaltou a preocupação com a emoção como objeto analítico das Ciências Sociais de um ponto de vista histórico, desde os primórdios da constituição da sociologia ocidental, porém chamou atenção para elementos de descontinuidades. Argumentou, por exemplo, que a emoção esteve presente nas origens escocesas da sociologia, por meio de Adam Smith (*A Riqueza das Nações*, 1776) e Adam Ferguson (*An Essay on the History of Civil Society*, 1767)¹, assim como em obras de autores do final do século XIX e início do século XX, tais como Alexis de Tocqueville, Gustave Le Bon, Émile Durkheim, Vilfredo Pareto, Ferdinand Tönnies e Georg Simmel, que “consideravam as categorias de emoções como variantes importantes” (Barbalet, 1998: 27). Na sociologia estadunidense autores com Albion Small, William Graham Sumner, Lester Frank Ward, Edward Ross e Charles Horton Cooley são citados como aqueles que descobriam “papéis explicativos para as categorias de emoções” (Barbalet, 1998: 27).

Tais esforços de sistematização sobre a constituição das ciências sociais das emoções apresentam alguns pontos em comum, muito particularmente a partir da demarcação de sua gênese concentrada em uma série de estudos que se desenvolveram a partir das décadas de 1970 e de 1980. No caso brasileiro, a década de 1990 é que irá ser marcante para a emergência das ciências sociais das emoções. Entretanto, há que se destacar como diferenças entre as análises de Torres (2009), Koury (2014) e Coelho *et alli* [considerando aqui: Rezende e Coelho (2011), Coelho e Durão (2017), VÍCTORA e Coelho (2019)], as ênfases em termos das leituras sobre as quais se concentram. Torres (2009, p. 26), ao abordar sobre a perspectiva histórica e a localização do tema *na sociologia*, apresenta um recorte de seu objeto de modo mais limitado identificando na década de 1970 o marco para “um rápido e profícuo desenvolvimento”. Isso não quer dizer que a construção desse campo

¹ Barbalet (1998: 26) registrou que “uma coisa raras vezes notada, mas essencial para a compreensão destes pensadores e para uma apreciação para formação intelectual do Iluminismo escocês do qual fazem parte, é a importância que conferem à emoção na compreensão das relações sociais e como base para as suas teorias mais vastas” (p. 26).

específico de conhecimento tenho sido recebido sem reservas, conforme esta autora nos revela:

esse “súbito” interesse e o próprio tema emoções, foram recebidos com estranheza, atribuídas a um modismo, a uma curiosidade ou como uma elaboração imaginativa e “de fronteira” como se pouco tivesse a ver com a sociologia geral. Tal percepção, embora equivocada, reflete a própria dificuldade dos sociólogos das emoções em referenciar e incorporar as contribuições pré-existentes, tradicionais, dos clássicos da sociologia em seus trabalhos (Torres, 2009, p. 26).

Encontramos nos esforços de mapeamento do campo de pesquisas sobre as emoções no Brasil, conforme as perspectivas de Koury (2006) e Rezende e Coelho (2011), Coelho e Durão (2017), VÍctora e Coelho (2019), argumentos que se aproximam muito sobre sua gênese. Tais aproximações são encontradas nas demarcações sobre os períodos em que irão destacar a emergência de tais pesquisas, bem como sobre os (as) autores (as) canônicos (as) que irão contribuir para a formação deste campo. Há, por razões de foco e de pertencimento às suas respectivas áreas, a ênfase ora na Antropologia (Coelho, Rezende, durão, VÍctora), ora na Sociologia (Koury).

Abrimos este dossiê, portanto, com artigos no campo das Ciências Sociais. A primeira contribuição, sob uma perspectiva antropológica, é intitulada *“Eu não queria errar”*: culpa e responsabilidade em narrativas de cesárea, de autoria de Claudia Barcellos Rezende, professora titular do Departamento de Antropologia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Por meio de narrativas de cesárea, publicadas no site Parto do Princípio, voltado para a humanização do parto e organizado por uma rede de mulheres ativistas, a autora propôs examinar os sentimentos expressos, em particular a culpa, que levanta a questão da responsabilidade pela cirurgia. Em sua análise procura estabelecer articulações entre concepções de corpo, subjetividade, maternidade e valores morais.

Bianca Retes Carvalho (UFMG) no artigo *Pensando emoções: reflexões sobre emoções, gênero e movimentos sociais*, desenvolve um exercício de reflexão sobre emoções e gênero em articulação com o fazer do Estado. Os movimentos sociais, atrelados a posicionamentos morais e trabalhos

emocionais, são analisados por meio de perspectivas antropológicas. A autora realizou uma etnografia da mobilização de mães na efetivação de direitos e espaços inclusivos para pessoas com autismo. A partir dos seus dados constata sobre a possibilidade de reflexão acerca de perspectivas simbólicas marcadas pelo viés de gênero, por meio de “linguagens morais e emocionais que corroboram para a mobilização de ações políticas e sociais”. Os discursos e políticas corporificadas revelam “estratégias de ação frente a atributos morais se tornam ferramenta de análise de movimentos sociais”.

Diego Sousa Schiavo Calmon (UERJ), em seu artigo *Bissexualidade e emoções: uma abordagem socioantropológica*, se dedica à proposta de reflexão sobre as especificidades morais e as emoções que acompanham os processos parciais de controle e exposição da informação de si, relativa à orientação e/ou identidade sexual de pessoas que se identificam como bissexuais. O autor articula a antropologia das emoções com a perspectiva construtivista da sexualidade e a sociologia interacionista, alimentando uma análise que versa sobre considerações calcadas numa “epistemologia do armário” (oriunda de Eve Kosofsky Sedgwick), no âmbito da bissexualidade, no que diz respeito à difusão ou invisibilidade da identidade bissexual.

Em *Neoliberalismo e as recodificações do desejo em favor do trabalho pós-fordista*, de Breilla Zanon (UFSCar), encontramos uma análise teórico-filosófica a respeito da localização do discurso do amor ao trabalho no interior das sociedades capitalistas atuais. A autora reflete sobre como as relações trabalhador-trabalho foram historicamente ressignificadas, metamorfoseando em algo que alimenta as próprias engrenagens capitalistas em sua fase pós-industrial marcada pelos valores do neoliberalismo. Demonstra, assim, como o *amor o trabalho* tornou-se parte das “caraterísticas fundamentais do próprio trabalhador como empreendedor de si e, sendo assim, mais um dentre os capitais humanos a serem mobilizados”.

Prosseguimos com abordagens nos campos da psicologia social, da psicoterapia e da saúde. Cabe, também, destacar a relevância das emoções nestas áreas. Uma psicologia das emoções se constitui a partir de teorias diversificadas, entre as quais podem ser destacadas as teorias psicoevolucionistas, cognitivas e sociais (MIGUEL, 2015). Em *A Psicologia das Emoções: o fascínio do rosto humano*, A. Freitas-Magalhães (2007) atentou para a dimensão de gênero ao abordar o “rosto das emoções”. Para

este autor português, o sistema de comunicação do rosto humano é utilizado de maneira diferente entre as mulheres e os homens. Com base na ampla literatura no campo da psicologia, procurou argumentar a favor da comprovação da existência da diferença de gênero na expressão das emoções. Evidentemente que estas diferenças de gêneros apresentam leituras que divergem, seja apontando para uma gênese biológica e inata ou enfatizando as exigências do contexto e os papéis sociais.

No campo da neurociência, cabe destacar, também, a relevância de António Damásio (2016), cientista português. Este nega a separação cérebro-corpo, mente-corpo, ao defender uma interação entre tais componentes, ressaltando a intrínseca relação das estruturas cerebrais na gênese e na expressão das emoções, a exemplo do sistema límbico e áreas do córtex cerebral que estão vinculadas a tomadas de decisões. A compreensão do mecanismo da razão torna-se um desafio para Damásio que, neste processo de negar a separação corpo-mente, busca ressaltar a importância das emoções e dos sentimentos para além de manifestações instintivas e impulsivas.

Dispositivos de subjetivação e sofrimento das mulheres: para uma escuta gendrada das emoções no campo da psicoterapia é o título do artigo que foi produzido conjuntamente por Lavínia Palma (PUC-RS), Iara Flor Richwin (UnB) e Valeska Zanello (UnB). As autoras se dedicaram ao tema do sofrimento amoroso, que é recorrente na clínica psicoterápica com mulheres. Três casos clínicos de mulheres foram analisados, por meio dos estudos de gênero e das noções de dispositivos amoroso e materno. Foram consideradas as vivências amorosas e a vulnerabilidade destas mulheres, constituídas por processos de subjetivação gendrados. As autoras destacam a relevância de tal perspectiva no sentido de prover uma ferramenta teórica e, conseqüentemente, de possibilitar o refinamento da escuta clínica e qualificar as intervenções.

Patrícia Martins (Unisinos) e Laura Cecilia López (Unisinos), autoras do artigo “*A gente com dor tudo perde*”: *experiências de ‘dor crônica’ de mulheres da periferia*, centraram sua abordagem nas experiências de mulheres moradoras de dois bairros periféricos de Novo Hamburgo, no estado do Rio Grande do Sul. Por meio de pesquisa qualitativa, baseada em entrevistas biográficas, em suas análises focaram nas corporificações marcadas por violências estruturais e por processos de farmacologização da

dor, que acabam apagando as experiências de sofrimento social dessas mulheres.

Em *Avaliação dos níveis de autoestima de mulheres em privação de liberdade*, um conjunto de autoras e autores (Patrícia Pinheiro Cabral, Paula Santana Marra, Cecília Amorim de Santana Mota, Juliana Chaves de Mendonça, Antonio Márcio Teodoro Cordeiro Silva, Rogério José de Almeida) propôs realizar uma mensuração dos fatores associados aos níveis de autoestima em mulheres em situação de privação de liberdade. Ao contrário do que poderia ser observado pelo senso comum, constatou-se que estas mulheres, em sua maioria, apresentam níveis elevados de autoestima. Os principais fatores foram destacados pela pesquisa foram: a prática de alguma religião no contexto do encarceramento, a possibilidade de receber visitas dos filhos, ter cuidados pessoais, ser vaidosa, se considerar bonita e o sentimento de satisfação com o próprio corpo. Ainda que este estudo tenha sido baseado em representação de uma pequena amostra do cenário brasileiro de mulheres encarceradas, as autoras e autores puderam evidenciar a estreita correlação entre a autoestima e questões pessoais da vida das mulheres estudadas, revelando, pois, o mérito de uma atenção integral à saúde das mulheres em restrição de liberdade.

O artigo *Definindo meninas e meninos: o lugar da afetividade na primeira infância*, de Dalila Castelliano de Vasconcelos (UFMG-UEAED), Lucivanda Cavalcante Borges (UNIVASF) e Nádia Maria Ribeiro Salomão (UFPA), é resultado de uma pesquisa desenvolvida com pais, mães e educadoras de crianças de 24 e 36 meses de idade da cidade de João Pessoa, na Paraíba. As autoras analisam as concepções das suas entrevistadas e de seus entrevistados sobre o que é ser menina e ser menino, identificando o lugar que a afetividade ocupa nessas definições de gênero.

Leituras e análises sobre as emoções encontram, também, espaço no campo artístico e literário. Na França, o historiador de arte Martial Guédron (Universidade de Estrasburgo) e a socióloga da arte Nathalie Heinich (Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales) são duas referências que atentaram para a importância das emoções e dos afetos, no campo artístico. Guédron (2020), por exemplo, realiza o esforço de identificação do lugar que as emoções ocupam no discurso teórico sobre as artes figuradas, em texto no qual analisa as emoções, paixões e afetos, considerando a expressão da Teoria da Arte no período clássico. Nathalie Heinich (2001), por sua vez, aborda uma sociologia dos afetos a partir da leitura de Norbert Elias, autor que se dedicou ao estudo

da função do autocontrole das emoções na sociedade humana. Nesta coletânea, o campo da arte recebeu atenção de Caroline Farias Alves (UFJF) e Maraliz de Castro Vieira Christo (UFJF), que no artigo *Paixões da alma e estudo das expressões através das figuras femininas de Georgina de Albuquerque*, analisam parte da produção desta artística plástica, de origem paulista e refletem sobre o contexto de valorização das expressões na prática artística brasileira. As autoras argumentam que nas obras de Georgina de Albuquerque (1885-1962) destacam-se manifestações das emoções e de sentimentalidade exteriorizadas a partir da fisionomia e postura corporal.

O artigo *Triste, solitária, louca, antipática, má ou feminista: da (des)qualificação à reação da mulher desencaixada, no conto “Progressões de Balcão” de Clara Averbuck*, assinado em coautoria conjunto por Antonio Ismael Lopes de Sousa, Ana Cristina Teixeira de Brito Carvalho, Gisélia Brito dos Santos e Lilian Castelo Branco de Lima, se debruça sobre a análise do conto “Progressões de Balcão”, de Clara Averbuck, para apresentar “as emoções implícitas, motivadas por violências simbólicas, vivenciadas pela mulher engajada nas lutas de sororidade feminina”. O texto parte de abordagens temáticas na literatura contemporânea em conexão com estudos sobre as emoções, oriundos de múltiplas áreas disciplinares: sociologia, psicologia social, antropologia social, filosofia e saúde.

Encerrando o dossiê apresentamos o texto *Mulheres negras na contramão do afeto*, de Luana Franciele Miranda Souza (UFBA). A autora busca analisar os impactos do entrecruzamento dos marcadores sociais de raça e gênero nas experiências afeto-subjetivas de mulheres negras do interior da Bahia, a partir das narrativas coletadas em entrevistas para a produção do livro-reportagem *Na Contramão do Afeto: histórias e trajetórias afetivas de mulheres negras*.

Registramos nossos agradecimentos a cada autor e autora que possibilitou a concretização desta coletânea, por meio de suas reflexões sobre as emoções, afetos e sentimentos em conexão com a dimensão de gênero e/ou abordagens sobre sexualidade. Esperamos, com isso, contribuir para o enriquecimento das múltiplas áreas dos estudos sobre as emoções.

Como de praxe, a revista Caderno Espaço Feminino apresenta, também, sessões de artigos livres e de resenhas. A sessão de artigos livres é

aberta com o texto de Mariana Alves de Sousa (UNESP - Marília) e Maria Valéria (UNESP - Marília). Em *Mulheres negras ocupando espaços por meio de narrativas e “escrevivências”*, as autoras evidenciam a metodologia da “escrevivência”, calcada em Conceição Evaristo, como uma possibilidade de fortalecer o processo de emancipação, de visibilização e de construção de mulheres negras como sujeito. Para tanto, tomam como pontos de reflexões a interseccionalidade e as narrativas descoloniais, com base na literatura oriunda do pensamento feminista negro.

A escritora Conceição Evaristo aparece novamente no artigo *A insurgência de experiências emocionais e sentimentais na narrativa de Conceição Evaristo: entre o drama e a poesia*, assinado por Elisangela da Silva Santos e Renata de Mello Mamede, ambas da Universidade Federal de Jataí. Foram analisados quatro de seus contos, publicados, respectivamente em seus livros *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016) e *Olhos d’água* (2018). Estes foram analisados à luz dos sentimentos e emoções que, de acordo com as autoras, são vistos como “fruto da inserção do indivíduo em seu ambiente”. As questões que emergem nos contos selecionados para análise dizem respeito à subjetividade do indivíduo e manifesta seus desejos, sonhos, fantasias e utopias, realçando, também, as dimensões social e étnica das personagens criadas por Conceição Evaristo.

Em *Quando as Mulheres Amam: A construção do amor romântico na literatura de autoria feminina*, as autoras Gabriela Machado Silveira (UESB) e Adriana Maria de Abreu Barbosa (UESB), partem da literatura de ficção de Rachel de Queiroz e Heleusa Câmara, duas escritoras nordestinas, para analisar a maneira como três de suas personagens lidam com o amor romântico. Esta leitura analítica tem como recurso a ótica da Análise Crítica do Discurso, conforme proposta por Teun A. van Dijk e leva em consideração o viés de gênero, tomando como referências autoras relevantes, tais como Teresa de Lauretis e bell hooks.

No artigo *Marcas do cárcere: um estudo sobre a trajetória de mulheres ex-detentas*, Abenizia Auxiliadora Barros (UFMT) e Silvana Maria Bitencourt (UFMT) abordam o tema da reinserção social de mulheres que passaram pela experiência do encarceramento. Suas autoras visam verificar quais são as perspectivas que o mercado de trabalho apresentou para quatro dessas mulheres. Indagam se a condição de ex-detenta exerce influência na

receptividade, portanto no tratamento que estas mulheres receberam do mercado de trabalho, após terem suas identidades de gênero marcadas pela condição do encarceramento, levando em consideração o estigma dessa condição para a sociedade pautada no cumprimento de determinadas regras morais, que tendem a ser representadas por meio de tipos de feminilidades e masculinidades que o mercado busca empregar. A análise foi realizada tendo com base um trabalho empírico desenvolvido por meio de entrevistas com quatro egressas do cárcere e, também, com comerciantes locais.

Por fim, na sessão de resenhas, dois livros de importantes autoras feministas são contemplados. Annabelle Bonnet (UFES) se dedicou à leitura da edição francesa do livro inédito de Simone de Beauvoir, *Les inséparables* (L'Herne, 2020), programado para publicação no Brasil, ainda neste ano de 2020 pela editora Record. Trata-se de um romance biográfico, no qual Beauvoir narra sua amizade com Elisabeth Lecoin, “Zaza”, personagem que já aparecera em *Memórias de uma moça bem comportada* (1958). Maria Florencia Guarche Ribeiro (UFRGS) assina a resenha de *O Ponto Zero da Revolução* (Editora Elefante, 2019), de Silvia Federici. Composto por 14 artigos publicados entre os anos de 1975 e 2011 e divididos em três capítulos, o livro de Federici reúne textos de investigação e militância que foram dedicados à campanha internacional “salários para o trabalho doméstico”.

Na oportunidade, queremos agradecer também à artista carioca que cedeu gentilmente a bela imagem para a capa desta edição. Trata-se da obra N.5, da série, cujas referências informamos a seguir:

Título da Série: À procura do sol...(n.5 / 2016)
Autora: Massoca Fontes
Técnica: Ecoline sobre papel
Dimensões: 26cm x 36cm
massocaf@gmail.com

Organização:

Márcio Ferreira de Souza – Instituto de Ciências Sociais – Universidade
Federal de Uberlândia

Dalila Cerejo – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade
Nova de Lisboa.

Manuel Lisboa - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade
Nova de Lisboa.

Referências

BARBALET, J. M.. *Emoção, teoria social e estrutura social*: uma abordagem macrossocial. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

BIROLI, Flávia. Gênero, “valores familiares” e democracia. In BIROLI, Flávia; MACHADO, Maria das Dores Campos; VAGGIONE, Juan Marco (Org.). *Gênero, neoconservadorismo e democracia*: disputas e retrocessos na América Latina. São Paulo: Boitempo, 2020.

COELHO, Maria Claudia; REZENDE, Claudia Barcellos (Org.). *Cultura e sentimentos*: ensaios em antropologia das emoções. Rio de Janeiro: Contra Capa/FAPERJ, 2011.

COELHO Maria Claudia; DURÃO, Susana. Introdução ou Como Fazer Coisas com Emoções. Dossiê Emoções, Política e Trabalho – estudos em antropologia das emoções. *Interseções* [Rio de Janeiro] v. 19 n. 1, p. 44-60, jun. 2017.

DAMÁSIO, António. *O erro de descartes*: emoção, razão e cérebro Humano. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GUÉDRON, Martial. Emoções, paixões e afetos – a expressão na Teoria da Arte no período clássico. In COURBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História das emoções*: 1 – da Antiguidade às luzes. Petrópolis: Vozes, 2020.

HEINICH, Nathalie. *A sociologia de Norbert Elias*. Bauru – SP: EDUSC, 2001.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREITAS-MAGALHÃES, A. *A psicologia das emoções: o fascínio do rosto humano*. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2007.

KOURY, Mauro. Pela consolidação da sociologia e da antropologia das emoções no Brasil. Brasília: *Sociedade e Estado*, 29 (3): 841-866, 2014.

LUTZ, Catherine; ABU-LUGHOD, Lila (Org.). *Language and the Politics of Emotion*. Cambridge, Cambridge University Press, 1990.

MIGUEL, Fabiano Koich. *Psicologia das emoções: uma proposta integrativa para compreender a expressão emocional*. Psico-USF, Bragança Paulista, v. 20, n. 1, p. 153-162, jan./abr. 2015.

TORRES, Marieze Rosa. *Hóspedes Incômodas? Emoções na Sociologia Norte-Americana* (Tese de Doutorado). Salvador: Programa de Pós- Graduação em Ciências Sociais da UFBA, 2009.

VÍCTORA, Ceres; COELHO, Maria Claudia. *A antropologia das emoções: conceitos e perspectivas teóricas em revisão*. Horizontes Antropológico [Online], 54, 2019.